



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CENTRO DE HUMANIDADES

ANA GERLANY DINIZ DE ARAÚJO

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA UNIDADE DE
EDUCAÇÃO INFANTIL DA UFCG**

CAMPINA GRANDE – PB

2016

ANA GERLANY DINIZ DE ARAÚJO

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA UNIDADE DE
EDUCAÇÃO INFANTIL DA UFCG**

Monografia de conclusão de curso apresentado ao Curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial à conclusão do curso.

Orientadora: Professora Dra. Rosângela de Melo Rodrigues

CAMPINA GRANDE – PB

2016

ANA GERLANY DINIZ DE ARAÚJO

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

A663c Araújo, Ana Gerlany Diniz de.
A contação de histórias na Unidade de Educação Infantil da UFCG /
Ana Gerlany Diniz de Araújo. – Campina Grande, 2016.
51 f. : il. color.

Monografia (Graduação em Letras - Língua Portuguesa) – Universidade
Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2016.
"Orientação: Profa. Dra. Rosângela de Melo Rodrigues".
Referências.

1. Literatura Infanto-Juvenil. 2. Contação de Histórias. 3. Educação
Infantil. 4. Unidade de Educação Infantil (UFCG). I. Rodrigues, Rosângela
de Melo. II. Título.

CDU 82-93 (043)

ANA GERLANY DINIZ DE ARAÚJO

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA UNIDADE DE
EDUCAÇÃO INFANTIL DA UFCG**

Monografia de conclusão de curso apresentado
ao curso de Letras – Língua Portuguesa da
Universidade Federal de Campina Grande, como
requisito parcial à conclusão do curso.

Aprovada em: _____ de _____ de _____

Banca Examinadora:

Prof. Dr. José Hélder Pinheiro Alves

Prof. Dra. Rosângela de Melo Rodrigues (Orientadora)

CAMPINA GRANDE – PB

2016

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha querida
irmã Lizangela Diniz de Araújo.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus que me concedeu a realização desse sonho, pois através da minha fé e perseverança superei todos os obstáculos para chegar até aqui.

Aos meus pais que mesmo com as dificuldades de criar uma família composta por seis filhas sempre me incentivou seguir com meus estudos.

A todas minhas irmãs: Carla Daniele, Rozangela, Sônia e em especial Lizangela que sempre esteve ao meu lado me apoiando e aconselhando a estudar para obter um futuro melhor e a Simone que esteve presente durante toda trajetória acadêmica, juntas aprendemos muito.

A meu noivo, companheiro das minhas conquistas, por ser paciente e me ajudar nas horas de agonias.

Agradeço, em especial a minha querida orientadora Rosângela, visto que sempre esteve presente, me orientando, pela sua paciência, compreensão e disponibilidade. Aprendi muito com você, foi um prazer ser orientada por uma pessoa simples e paciente.

A meus colegas que tive o prazer de conhecer durante o curso Fabiana Sousa, Joseane Martins, Maria Betânia, com que pude compartilhar momentos tristes e felizes, como também o apoio em todos os momentos. Que essa nossa amizade dure eternamente.

Aos professores do curso: Aloísio, José Mário e em particular a Hélder, pois através da disciplina de educação infantil e seus ensinamentos que me motivaram a escolha da pesquisa.

Por fim, agradeço a todos que tiveram do meu lado e compartilharam momentos de angústia, mas também me proporcionaram alegria. Entre várias pessoas que passaram na minha vida, durante todo percurso, muitos iram deixar lembranças que ficarão para sempre guardadas em meu coração.

Não se contente com tudo aquilo que lhe faz morrer sem descobrir o sentido das coisas. Pense alto, voe alto e permita que o seu desejo seja educado a partir do que há de melhor nessa vida. Para isso vivemos, para descobrir o melhor da vida. (Padre Fábio de Melo)

RESUMO

Neste trabalho buscou-se analisar e expor a importância da contação de histórias para aprendizagem na Educação Infantil e verificar alguns efeitos das narrativas orais, ou seja, as possibilidades decorrentes para a formação de alunos-leitores e, através das observações, descobrir se o desempenho do professor durante a contação de histórias influencia o interesse do aluno em ler outros livros. A parte da pesquisa dos dados foi desenvolvida em um ambiente escolar na Unidade de Educação infantil da UFCG com alunos de Educação Infantil com faixa etária de dois a cinco anos. Através dos resultados deste estudo foi possível reconhecer que a contação de histórias é uma estratégia importante na formação do leitor, garantindo para criança o enriquecimento do processo educacional sob uma perspectiva que valoriza a constituição de um sujeito crítico e reflexivo. Para a nossa discussão recorreu-se aos estudos de alguns autores a respeito do tema, são eles: Abramovich (2006 e 2007), Busatto (2006), Zilberman (1994), Maria José Palo e Maria Rosa D. Oliveira (1986), como também de alguns artigos de Ana Cláudia Ramos (2011). Ambos privilegiam a contação de histórias, destacando como uma prática que deve ser valorizada e desenvolvida no meio escolar para potencializar a imaginação, a linguagem, a atenção, a memória, o gosto pela leitura e outras habilidades humanas.

Palavra-chave: Contação de histórias. Educação Infantil. Leitor.

RESUMEN

Neste trabajo se buscó analizar y mostrar la importancia del contar historias para aprendizaje en la Educación Infantil y verificar algunos efectos de las narrativas orales, o sea, las posibilidades decurrentes para la formación de alumnos-lectores, y a través de las observaciones descubrir se lo desempeño del profesor durante el contar de historias influencia lo interés del alumno en hacer lecturas de otros libros. Situándose en el campo de las observaciones cualitativas, por siguientes descriptivas e interpretativas. La parte de la pesquisa de los datos fue desarrollada en un ambiente educacional en la Unidad de Educación infantil de la UFCG, con alumnos de la Educación Infantil con el nivel etario de dos a cinco años. A través de los resultados de ese estudio, fue posible demostrar el contar de historias como más una estrategia importante en la formación del lector garantizando para el niño el enriquecimiento do proceso educacional por una perspectiva que valoriza la constitución de un sujeto crítico y reflexivo. Para nuestra discusión fue recorrido a estudios de algunos autores, por ejemplo: Abramovich (2006 y 2007), Busatto (2006), Zilberman (1994), Maria José Palo y Maria Rosa D. Oliveira (1986), como también de algunos artículos de Ana Cláudia Ramos (2011). Todos privilegian el contar de historias, destacando como una práctica que debe ser valorada y desarrollada en medio escolar para potencializar la imaginación, el lenguaje, la atención, la memoria, el placer por la lectura y otras habilidades humanas.

Palabras-chave: Contar de historias. Educación Infantil. Lector.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1: A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA PARA EDUCAÇÃO INFANTIL	14
1.1- Contadoras de histórias profissionais.....	15
1.2- Origem dos contos de fadas.....	16
1.3- A história da leitura.....	20
1.4- A Importância da escolha do livro para cada faixa etária	24
CAPÍTULO 2: A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA DENTRO DA UNIDADE DE EDUCAÇÃO INFANTIL (UAEI) DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE	31
2.1 – Vivenciando a contação de história no grupo 3,4 e 5	32
2.2 – Observação da primeira contação de história do grupo 5	34
2.3 - Observação da segunda contação de história do grupo 5	37
2.4 - Observação da terceira contação de história do grupo 5	39
2.5 - Observação da quarta contação de história do grupo 4	42
2.6 - Observação da quinta contação de história do grupo 3	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	50

INTRODUÇÃO

A contação de histórias é uma atividade de extrema importância no processo de desenvolvimento da criança, pois auxilia em sua formação. Por isso, essa atividade deve ser sempre valorizada e praticada no meio escolar a fim de despertar a imaginação, a memória, a linguagem e o gosto pela leitura, além de contribuir no processo de socialização da criança.

A narração de histórias na Educação Infantil pode ser um instrumento de trabalho para o professor, um caminho para aprendizagem da criança e conseqüentemente, para a formação de um aluno leitor. As crianças gostam de histórias e algumas delas vivem personagens que são criados da própria imaginação, ou seja, e por meio das histórias que as crianças conseguem entender um pouco do mundo a sua volta, transformando seu jeito de pensar.

Essa pesquisa teve como importância verificar a prática da contação de histórias na educação infantil, no processo de transição entre a linguagem oral e o letramento para formação de alunos-leitores. Nesta pesquisa foram coletados dados através de minha experiência e de profissionais da área, como também de alguns professores que trabalham na Unidade de Educação Infantil da Universidade Federal de Campina Grande.

A escolha da temática foi motivada por sempre me chamar a atenção histórias infantil; sendo assim surgiu a oportunidade de estagiar dentro de uma Unidade de Educação Infantil e posteriormente surgiu a vontade de descobrir como esse trabalho de contação de história é desenvolvido dentro e fora da sala de aula.

Ao ver a professora durante cada aula reservar um momento de leitura com as crianças, pude perceber o quanto a leitura pode contribuir no desenvolvimento do seu pensamento lógico e de sua imaginação. É notório que o incentivo pela leitura deve ser compartilhado na escola e pela família, pois ambos são cenários importantes neste contexto.

A pesquisa aqui apresentada foi realizada no turno da manhã, composto por três turmas, formando o Grupo 3, 4 e 5, teve como foco principal de observações o Grupo 5, que é composto por dezesseis crianças sendo seis meninas e nove

meninos com idade de 5 anos. Neste estudo foi necessário modificar o nome verdadeiro por pseudônimos, com propósito de preservar a identidade de cada servidora como também das crianças.

A Universidade Federal de Campina Grande disponibiliza para as crianças uma unidade de educação infantil que tem como objetivo contribuir para o desenvolvimento e a educação de filhos de professores que trabalham dentro da universidade, como também de alguns alunos que estudam e outros pais que têm a oportunidade de matricular seus filhos. É de costume sempre no início de ano letivo os pais escrevem seus filhos, e através de um sorteio são selecionadas as crianças que irão estudar, com faixa etária de dois aos cinco anos de idade.

A unidade tem toda uma infraestrutura com capacidade para receber alunos, pois oferece cinco salas com banheiros adequados à educação infantil, sala de diretoria, sala de professores, quadra de esporte, cozinha, biblioteca com mais de 1.000 livros, parque infantil, despensa, almoxarifado, lavanderia e uma sala de vídeo.

Existe toda uma organização tanto dos funcionários que trabalham na limpeza do ambiente como também de pessoas que ficam com a função de observar as crianças na hora do recreio. As crianças vinculadas têm direito à alimentação escolar e uma a médica pediatra para o atendimento quando houver algum acidente durante as brincadeiras ou outros casos emergenciais.

Para realização deste trabalho foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica, com fichamentos das obras de autores que discutem sobre a importância da contação de histórias como recurso que favorece o crescimento intelectual e cognitivo da criança. Dentre alguns autores lidos estão Abramovich (2006 e 2007), Busatto (2006), Zilberman (1994), Maria José Palo e Maria Rosa D. Oliveira (1986), como também de alguns artigos de Ana Cláudia Ramos (2011).

Este trabalho está organizado em dois capítulos. O primeiro apresenta a importância da contação de histórias na educação infantil, qual a relação dela com alfabetização de crianças e adultos, e também a importância da escolha do livro para cada faixa etária. E o segundo capítulo trata da pesquisa de campo que foi

desenvolvida através de observações dentro de sala de aula, ou seja, como as crianças reagem e se comportavam ao ouvirem cada história.

CAPÍTULO 1: A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA PARA EDUCAÇÃO INFANTIL

Quando ouvimos a expressão “Contaçon de história” logo nos lembramos de nossa infância: da mamãe, da avó, de uma tia que gostava de contar histórias, pois era uma das melhores formas de embalar o sono nas noites, essa prática com o passar dos tempos, está se tornado um pouco desvalorizada na sociedade contemporânea em que vivemos. As histórias lidas, ouvidas, imaginadas e recriadas são formas de comunicação que estiveram presentes na vida de qualquer pessoa, mas as crianças formam um público maior, pois elas sentem a necessidade de descobrir o mundo fantástico através da contaçon de histórias.

Na infância, a narrativa de histórias amplia a aquisição de conhecimentos e experiências das crianças, despertando a criatividade, sua imaginação, e principalmente o gosto pela leitura. É através delas que a criança interpreta o mundo e compreende melhor suas emoções, permitindo assim a construção de sua personalidade. Mas a narração de uma história não se resume apenas uma leitura, pois exige uma voz cuidadosa e fluente, ou seja, a mudança no tom durante a exposição oral faz toda diferença, como também os gestos e caracterização do personagem, pois uma história bem contada jamais esquecida, permanecendo na sua memória durante muito tempo. Segundo Abramovich:

[...] Contar histórias é uma arte...e tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declamaçon ou teatro... Ela é o uso simples e harmônico da voz. Dai que quando se vai ler uma história – seja qual for- para criança, não se pode fazer isso de qualquer jeito, pegando o primeiro livro que se vê na estante [...] (FANNY BRAMOVICH, 2006, P. 18)

A contaçon de histórias é de grande contribuiçon para o crescimento, pois oferece à criança um sentimento de pertencer à família e à cultura. Quando estamos lendo um livro para as crianças estamos mostrando o mundo e a sua plenitude, e de certa forma tentando demonstrar para elas um olhar, um pensar e tentar passar a imensidão a que todos pertencemos. Para criança aumentar o poder de comunicação no início, apoia-se no emprego do não verbal, por isso usa seu próprio

corpo para comunica-se tornando um instrumento de transição para a linguagem oral, mas para acontecer esse processo precisa de estímulos.

1.1- Contadoras de histórias profissionais

Antes de iniciar as observações na unidade de educação infantil da UFCG, foi aplicada uma entrevista para duas profissionais, em que destacamos alguns pontos importantes para este trabalho. A primeira entrevista foi com a profissional **G** que é Graduada em direção Teatral e Artes pela UFBA; professora de Teatro do Centro Cultural Lourdes Ramalho; atriz; cantora; cordelista. Trabalha com teatro de rua e contação de histórias. Natural de Campina Grande – PB.

A profissional contou sua trajetória como contadora de histórias que a início quando criança, pois era encantada pelo universo da arte, o que mais motivou foi quando nasceram seus filhos, a contação de história se tornou em sua vida algo do cotidiano. Profissionalmente ela tem dezoito trabalhos com contação de histórias. As histórias que trabalha com mais frequência são as tradicionais infantis, além de lendas e contos de fadas, junto à história, uma música ou poesia. As histórias que ela destaca mais atraentes para o público infantil são aquelas que trazem personagens cômicos, heroicos ou com alguma característica incomum. Outro ponto que a profissional destacou foi o tom de voz o estado de espírito, ambiente, figurino, a mímica corporal são de enorme importância, mas ressalta o tom da voz e os gestos, pois são peças fundamentais para um bom resultado.

Destaca a relevância da contação de histórias para as crianças, pois é uma atividade lúdica, ou seja, um exercício para a consolidação da cidadania, todas essas questões, além de ser um incentivo a leitura, como também a criatividade.

A outra entrevista foi com a contadora de história profissional **N** que atua como atriz DRT-1398 SATED/PB. Ela trabalha com contação de histórias há nove anos, e pesquisa a narração oral através do Teatro. Os tipos de histórias escolhidas pela profissional são histórias que ouvia da família durante sua infância, contadas por seu pai sua mãe e seus avós, que foram contadores de histórias. Sempre tinha costume de ouvir e contar histórias, todas as noites. Isso influenciou na escolha de sua profissão. Ela destaca também as histórias populares, contos de autores, parlendas e adivinhações. A profissional destacou que as histórias que mais atraem

o público infantil, são as criativas, ou seja, as que os personagens são apresentados com verdade.

A profissional **N** ressaltou que outro fator importante que influencia durante a contação de história é o tom de voz, o ambiente e o figurino todos esses fatores prendem a atenção do ouvinte, mas é preciso trabalhar na hora certa. O ritmo que cada contador constrói, durante a narração faz toda diferença. A contadora finaliza afirmando que homem sempre contou histórias, por isso a narração sempre foi, uma ferramenta para ensinar e aprender, não só na escola, mas dentro da família, entre amigos, no trabalho. Assim como os Griôs, os contadores de histórias repassam de uma geração para outra, seus saberes, descobertas e aprendizados para a vida. E a educação é um processo necessário. Contar histórias é dividir o que temos e aprendemos com aqueles que são o futuro.

1.2- Origem dos Contos de Fadas

O surgimento dos contos de fadas deu-se com o homem primitivo. As teorias a respeito de sua origem são pouco claras e apresentam algumas diferenças, mas pode-se afirmar que fez parte da transmissão oral de narrações folclóricas e de contos populares. As pesquisas afirmam que os mesmos foram sonhos contados como histórias que, com o passar do tempo, acabaram sendo modificadas através da tradição oral. Antigamente os pastores, lenhadores e caçadores, passavam o tempo sozinho nas florestas, campos e montanhas. Eles eram incomodados por uma visão interior forte, que deixava agitados. Corriam de volta as aldeias e relatavam de tudo que acontecia e todos paravam para ouvir. E a partir daquela visão que início as lendas, e mais tarde contos maravilhosos. Não existe comprovação da primeira pessoa que narrava os contos de fadas, pois eram narradas pessoas e assim difundiam entre si. Mas em seguida, o homem começa através de sua personalidade observar e criar contos.

Os contos de fadas surgiram na França no final do século XVII e como iniciativa de Charles Perrault (1628-1703) foi um dos primeiros autores a escrever livros de histórias para crianças. Conforme ele ouvia as histórias contadas por narradores populares as adaptava ao gosto da corte francesa. Perrault ao fazer alguns retoques nos contos originais retirou questões referentes a violência e

sexualidade, fez com que as histórias fossem aceitas diante da população erudita. Um dos contos conhecidos é Chapeuzinho vermelho em que a versão recolhida pelo autor, é diferente da versão conhecida pelo público. A versão verdadeira da história de Chapeuzinho Vermelho termina sem caçador, sem o resgate da vovó que acaba ficando dentro da barriga do lobo, ou seja, não existe um final feliz. Segundo Bettelheim “A maioria dos contos de fadas se originou em períodos em que a religião era parte muito importante da vida; assim, eles lidam, diretamente ou por inferência, com temas religiosos”. (BETTELHEIM, 2002, P.14)

Os contos de fadas nada mais eram do que relatos de fatos da vida de camponeses, cheio de conflitos, aventuras pornográficas, sendo assim, eram pouco indicados para ser contado para crianças. Com o passar dos anos veio a descoberta das fadas, que era a idealização de uma mulher linda, poderosa, perfeita que era dotada de poderes sobrenaturais, as crianças gostavam muito desses contos, pois a fantasia inserida neles estava ajudando a forma de personalidades das crianças.

Perrault ao coletar as narrativas que eram transmitidas oralmente e passadas de geração para geração, observou que elas se modificam com o panorama sociológico da mentalidade de uma determinada época, na qual suas origens se perdiam na poeira dos tempos. O autor ao coletar histórias populares publicou as versões imortais como a Bela Adormecida, A Gata Borralheira, Barba azul, As Fadas, dentro de outras.

Com a publicação de um dos conhecidos Contos a Mamãe Gansa, logo após surgiu às obras do Irmão Grimm, que representava o mundo maravilhoso de fantasias. Essas obras diferiam das obras de Perrault, pois era destinada a leitura da corte, e tinha como objetivo preservar o patrimônio literário do povo alemão.

Alberti (2014), afirma que no século XIX, na Alemanha, Jacob e Wilhelm Grimm, coletavam acervos de histórias folclóricas, para a produção de seus contos. Os irmãos Grimm viajavam pelo interior da Alemanha coletando dados linguísticos nas fontes, tendo como objetivos levantar elementos linguísticos para fundamentar o estudo da língua alemã, procurando registrar as palavras pronunciadas, no contexto linguístico dos contos relatados.

Jacob e Wilhelm escreveram os contos que foram transmitidos pela tradição oral e publicou o livro contos da criança e do lar, A Bela adormecida no Bosque, Cinderela, Os músicos de Brema, O Gato de Botas entre outros. Os Irmãos Grimm

mudaram seu objetivo, que passaram ter como principal público as crianças. Eles se dedicaram aos estudos, e se tornaram grandes pesquisadores e se formaram em direito na universidade de Kassel, eram fascinados por estudos e através da fixação das lendas e histórias de tradição oral. E foi através da Gramática Germânica que os irmãos tiveram o objetivo de estabelecer algo comparado aos mitos já bastante divulgados o que facilitou as pesquisas mais amplas, determinado Contos de fadas dos Irmãos Grimm.

Através dessas descobertas, os irmãos percorreram a Alemanha em busca de registros de narrativas populares que recolhiam de pessoas humildes, algumas analfabetas: comadres de aldeias, pastores, barqueiros, velhos camponeses, cantores e músicos. E foi a partir do início do século XIX, em que os velhos costumes pouco haviam mudado.

O trabalho dos Irmãos Grimm foi conservado por vários tempos e destacados em vários lugares. Foi seguida por escritores e especialistas que reconhece a importância das culturas e tradições populares. Assim os contos de fadas passaram por um processo de transcrição da tradição oral para o papel no século XVII, esse mérito foi atribuído pelo Charles Perrault, na qual recolheu todo material da tradição oral e reformulou, para atender o gosto da população. Os contos de fadas foram constituídos para literatura infantil europeia durante a Idade Média e Moderna.

A literatura no Ocidente passou a ser exclusivamente dedicada a crianças quando surgiu a Modernidade, pois estavam ligadas as mudanças de como a sociedade veria as crianças. Embora algumas criações de literatura com o passar do tempo, os contos exprimiram uma marca decisiva para o cenário da literatura infantil. Essas histórias foram moldadas para as crianças e adultos através da transmissão oral, foram surgido novos elementos e novas adaptações, que ao longo da história se tornaram significativas.

Os contos populares no Brasil ocuparam um importante lugar na vida das crianças por meio da comunicação oral. Diferente do que ocorreu na Europa, pois para eles não serviam como fonte para seus primeiros livros, que aqui foram publicados para o público infantil, a partir da segunda metade do século XIX. Foram produzidas traduções e adaptações dos contos europeus escritos por Perrault e Irmãos Grimm, em versão para o público brasileiro.

O conto de fadas embora tenha sofrido várias mudanças para atender as exigências da linguagem moderna. A forma como os contos foram escritos, nos permitiu observar como a realidade foi transmitida para os livros infantis, que permite ao leitor a atualização, trazendo a obra para o presente, sem, no entanto perderem vista sua época de construção. Com essa formação feita por determinados textos aconselhava em suas páginas o patriotismo, o amor e respeito a família como também aos mais velhos, a dedicação aos mestres e à escola.

A ação é lenta em muitos contos de fadas, mas se mantem um fator vital, pois há uma grande ênfase nas qualidades morais do herói ou da heroína. Os personagens bons são valentes, enquanto os personagens maus são destrutivos, feios terríveis e a justiça realizam-se de maneira satisfatória. Bruxas e dragões, ogros e gigantes são mortos ou postos em fuga, o príncipe casa com a princesa e vivem juntos e felizes para sempre.

Segundo Bettelheim “a forma simbólica sob a qual são apresentadas as situações permite ao ouvinte, ao leitor, sentir-se implicado, não deixado por isso de manter as suas distâncias”. (2002, P.17)

As crianças, por mais protegidas e queridas que sejam, estão sempre sob o poder dos adultos, mas vivem em algumas situações que são consideradas injustas, pois elas sonham que um dia o mundo vai descobrir que são inteligentes bonitas e dignas de ser amadas de que alguém reconheceu alguma vez. É importante para a criança pressentir que essa descoberta pode acontecer e que um dia chegará. Por isso, que os contos de fadas apresentam baterias da autoestima contribuindo em sua formação. Mas não só os contos de fadas são as únicas histórias que podem ser lidas ou contadas às crianças, porém são mais apreensíveis graças a sua estrutura e aos temas, à atualização de formulas de repetição. Os contos de fadas apresentam uma linguagem metáfora, ou seja, permite que à criança projetar-se em diferentes situações vividas pelos personagens.

As histórias contribuem em diversos aspectos na formação de crianças e jovens. Esses aspectos podem variar de intensidade de uma história para outra, porém de maneira geral todas as histórias propiciam um desenvolvimento de atenção e raciocínio, imaginação, criatividade e transmissão de valores. É nessa fase que a criança está vivendo o período repleto de possibilidades, que permite

constante interação entre com o mundo real e o mundo da fantasia. Segundo Dohme:

É abastecido pela literatura infantil, que atua como suporte de diálogo recreação e elaboração de ideias. Ela desperta a sensibilidade da criança e aflora seu senso crítica, permitindo sua alfabetização intelectual e estética, além da percepção ética moral, fartamente encontrada nos contos de fadas. (DOHME, 2003, P.22)

Os contos de fadas pertencem ao mundo dos arquétipos, pois são míticos, simbólicos, ou seja, estão direcionados ao universo da criança assumindo um papel real através da cultura do imaginário. E através da literatura infantil que os encontramos, e seu gênero é o narrativo que se caracteriza por seu enredo simples, rápido. São características marcantes nos contos de fadas: “Era uma vez...”, “Num reino encantado...” são formas representadas nas narrativas que denota um início um meio e um fim e faz toda diferença para a criança na compreensão de um tempo imaginário.

É através da oralidade que os contos de fadas propiciam para criança o primeiro contato com um texto. Por isso a importância de contar muitas histórias, pois deve ser um passo inicial no desenvolvimento intelectual e no processo de aprendizagem que contribuirá também no interesse pela leitura. Os contos de fadas promovem o desenvolvimento da criança como também atua como um guia de atividades infantis, pois ajuda a criança tomar decisões e encorajando-a na superação de seus medos, alcançando mais autonomia e confiança.

1.3- A história da leitura

Cada leitor possui uma experiência própria, cotidiana e pessoal, tornando a leitura única, incapaz de se repetir, e este é seu grande encanto. Através deste recurso, conseguimos o total domínio da palavra, traçando ideias e conhecimentos, sendo possível entender o mundo que nos cerca, nos transformamos e, ao nos transformar, abrimos nossas mentes para o desconhecido, passando assim a construir um mundo melhor para cada um de nós.

A leitura por ser muito amplo está relacionada a elementos dos quais podem ser citados: língua; letra; escrita; linguagem; literatura; autor; leitor; livro entre tantos

outros. Sabe-se que a capacidade de armazenamento de informações é limitada no cérebro e a recuperação de dados pela escrita através de uma ferramenta muito importante que é a leitura permitindo a rememoração de transformações.

Segundo Cavallo; Chartier, 1998 a leitura passou por vários caminhos. E cumpriu seu papel por meio da oralidade; após houve a intervenção da leitura silenciosa na Grécia Antiga; e, hoje, articula-se com mais variados processos de circulação, especialmente, com mídia eletrônica.

Com o surgimento da leitura na França houve diferentes contornos. A partir da leitura oralizada até a impressa, a sua prática muito intensa de alguns livros, por ser o contrário aos bons costumes naquela época eram barrados pela fiscalização do reino, mas mesmo assim circulavam entre a população como objetos clandestinos.

Inicialmente, com as coletâneas Mamãe Ganso, que apresentava os contos do folclore oral, que através da maneira implícita, revelam-se as condições precárias dos camponeses e aldeões, pois sofriam com a falta de alimentos e vestuário e constante procriação dificultando ainda mais a sobrevivências das famílias. “Comer ou não comer, eis a questão com que os camponeses se defrontavam, sem seu folclore, bem como em seu cotidiano” (DARNTON, 1986, P.50).

O autor resgata o folclore na sociedade francesa dos séculos XVII e XVIII, por meio do trabalho de alguns historiadores, que buscaram identificar através dos contos, as condições sociais que eram implícitas da arte que comunica um ethos uma visão de mundo. Durante essa época os estudiosos observam o modo como o narrador captava as temáticas advindas do público e as esboçavam por meio de uma universidade coletiva. Essas investigações eram denominadas pelos franceses de “folclore científico”.

As coletâneas de contos populares são preciosidades históricas que nos permitem entrar em contato com as massas populares analfabetas que desapareceram naquela época. Por esse motivo “Rejeitar os contos populares porque não podem ser datados nem situados com precisão, como outros documentos históricos, é virar as costas a um dos poucos pontos de entrada do universo mental dos camponeses, nos tempos do Antigo Regime (DARNTON, 1986, P.32)”.

Portando a prática de leitura durante essa época era um hábito da população francesa, que se tornou até um produto clandestino. Mas foi por meio da classe burguesa que ela floresceu e adquiriu seu auge, que alcanço finalmente a completa integração à cultura populacional a partir da Revolução Francesa. Assim os cidadãos burgueses passam, então a ter direito à leitura, tornando-se indispensável no âmbito familiar, religioso e escolar.

Durante século XVI, o Brasil foi ocupado e marcado pelo mercantilismo em busca em integrar-se no capitalismo. Esse fenômeno impediu a atualização sociedade que assim refletiu na leitura, colocando o sistema literário numa situação desvantajosa em que cada parcela de sua trajetória, ele, parece refletir, recuando para momentos anteriores do projeto de modernização e tornando assim – mesmo que involuntariamente- recentes iniciativas de modernização, sempre recomeçadas e inconclusas” (LAJOLO; ZILBERMAN.1991, P.8).

No Brasil a produção literária iniciou na descrição da paisagem e dos povos nativos que habitavam um novo mundo. Em seguida, o projeto educativo do país voltou-se para catequização dos índios pelos jesuítas. Os padres enfrentavam muitas diversidades que desafiavam seu trabalho, como a doença falta de acomodações entre outros perigos. Assim surgiu a reocupação com a educação com os filhos dos colonizadores brancos, que tinha como intenção dominar a mercantilização e a expansão da cultura do açúcar e dos veios auríferos. Segundo LAJOLO; ZILBERMAN:

(...) inexistia um sistema escolar exclusivo para eles, que ou assistiam às lições dos jesuítas ou permaneciam analfabetos, aprendendo eventualmente a ler, escrever e contar com particulares. O processo, neste caso, dissociou-se do que acontecia na Europa, onde o ensino se expandia e coletivizava, assumindo as feições que até hoje o caracterizam (LAJOLO; ZILBERMAN, 1991, P.28).

Em meio a tantas diversidades, com o passar dos anos procuraram algumas alternativas para tentar mudar e atualizar o sistema de ensino. Durante séculos, a arte da oratória era à base dos ensinamentos, eram através do diálogo que os mestres ensinavam seus aprendizes, fazendo dos leitores apenas ouvintes. Somente os nobres tinham direita a leitura e escrita, que eram intitulados como “seres privilegiados”. Na Grécia se restringiam aos filósofos e aristocratas, enquanto em Roma a escrita tornou-se uma forma de garantir os direitos dos patrícios às

propriedades. Foi na Idade Média que somente nos mosteiros e nas abadias que a minoria da população era alfabetizada, durante essa época encontravam as únicas escolas e bibliotecas e através delas que se preservavam e restauravam textos antigos da herança grego-romana.

Mas foi durante a Idade Média que a educação entrou em crise, e a partir desse momento ficou restrita somente ao clérigo. Assim a igreja manteve grande domínio sob qualquer forma de comunicação que pudesse expressar mantendo seus interesses em primeiro lugar. Foi a partir desse momento que a leitura, passa a ter caráter religioso, ou seja, o ensino era exclusivo aquele que seguiriam a vocação religiosa. A escrita passou a ser um símbolo sagrado, vinculando-se na opinião de vários indivíduos, em sinal de respeito, escutar e memorizar tais ensinamentos sagrados, sem ter o direito de contestá-lo ou interpretá-los. Durante o século XI, que a igreja foi perdendo a influencia sob o ensino, que partiu das atividades comerciais e manufatureiras, que contribuiu com o aumento das zonas urbanas. A Câmara Brasileira do livro foi fundada no ano de 1946, que desenvolveu a leitura nos pais e difundiu a produção editorial brasileiro.

A leitura é algo muito amplo, e não considerada apenas como uma interpretação dos signos do alfabeto, mas produz sentido através da vivencia de cada um caracterizando como uma prática na compreensão do mundo em que o sujeito está inserido na sociedade. Como destaque na atuação política, econômica e cultural, o convívio com a sociedade ou dentro da família ou até no trabalho. O individuo modifica sua visão de mundo através da leitura, não pela sua forma.

A leitura apresenta duas diferentes formas de níveis: a leitura sendo apenas uma decodificação mecânica dos signos linguísticos, que é abordada pela pedagogia essa prática está direcionada as atividades desenvolvidas pelas escolas; a leitura como processo de compreensão que estuda aspectos sociais da vida humana. Com foco na transmissão do gosto pela leitura no ambiente familiar.

O ato de ler se tornou uma necessidade, pois é participar efetivamente de uma sociedade, desenvolver a capacidade verbal, através da leitura que descobrimos o universo das palavras, como também no final de cada leitura nos enriquecemos com novas experiências e ideias. É através de uma ferramenta muito importante como livro, que milhares de crianças podem descobrir o universo de

aventuras, um mundo só seu repleto de magia que é encontrado nas páginas de um livro.

A leitura é uma atividade prazerosa e poderosa, pois desenvolve uma grande capacidade de criar, trazendo conhecimentos, promovendo uma nova visão de mundo. O leitor estabelece uma relação dinâmica entre a fantasia, que são encontradas dentro do universo dos livros e a realidade encontrada em seu meio social. São várias qualidades despertadas pelo hábito da leitura nas crianças como: a criatividade à medida que lhe proporciona oportunidades de conhecer alternativas para a realidade cotidianas. A criança deixa de ser vista como um adulto em miniatura, pois a infância é um período em que constitui uma importante fase da vida humana. Como afirma Zilberman:

Antes da constituição do modelo familiar burguês, inexistia uma consideração especial para com a infância. Essa faixa etária não era percebida como um tempo diferente, nem o mundo da criança como um espaço separado. Pequenos e grandes compartilhavam dos mesmos eventos, porém nenhum laço amoroso especial os aproximava. A nova valorização da infância gerou maior união familiar, mas igualmente meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e manipulação de suas emoções. Literatura e escola são convocadas a cumprir essa missão. (ZILBERMAN, 2003, P.15)

Por isso, a família tem grande contribuição no desenvolvimento da criança, pois é através dela que normalmente surge o primeiro contato com o livro. Mas vivemos em uma sociedade em que a maioria dos pais trabalha fora, e não teve a mesma oportunidade do acesso a leitura. Assim resta toda responsabilidade a escola de desenvolver esta habilidade em seus alunos.

1.4- A Importância da escolha do livro para cada faixa etária

É necessário que a criança desde cedo seja estimulada a ler; para isso é importante que o professor de educação infantil tenha um cuidado especial, ou seja, tenha uma preocupação com os livros a serem trabalhados. A escolha correta ajudará no planejamento coerente com a leitura que irá despertar nas crianças prazer e motivação. Segundo Vania Dohme:

É preciso pesquisar, ler literatura especializada, feita para elas, conhecer seus heróis, sejam eles pertencentes aos desenhos animados ou histórias em quadrinhos, assistir a filmes, conhecer suas brincadeiras e preferências. É só dessa forma que saberemos escolher, dentro de um repertório conhecido, qual história se adapta àquele comportamento que desejamos (ou precisamos) abordar. (DOHME, 2000, P 26)

Por isso, para a escolha do livro é preciso antes de tudo saber o perfil de cada criança, ter uma noção do interesse que são apresentados por elas. Os aspectos fundamentais para essa escolha estão representados através do tema da história, das imagens, ilustrações, cores e linguagem.

Alguns professores, na escolha do livro, acreditam que está levando para as crianças algo que chamará sua atenção, mas para elas algumas situações presentes na narração se revelam pouco interessantes. Por isso, em alguns momentos as crianças se revelam sem interesse e até começam a conversar durante a narração.

Quando o professor vai ler uma história é preciso certo cuidado tanto na escolha do livro como também no momento da narração, pois são algumas falhas apresentadas que desmotivam a criança, como empancar ao pronunciar sem necessidade, ir dando pausas em lugares errados, perder o folego, exagerar com voz, usar palavras desconhecidas. Observar esses detalhes é importante para uma boa atuação na hora da contação de histórias. Para facilitar na motivação pela leitura, alguns educadores antes de escolher as histórias apresentam às obras as crianças para que elas tenham um primeiro contato. Por esse motivo a adequação dos livros a cada faixa etária se torna necessária, como também aos estágios psicológicos de cada criança.

Para aproveitar o texto é necessário que seja criado todo um clima de encanto, e a partir da narração o contador de histórias saiba dar alguns momentos de pausas, pois a criança precisa desenvolver em sua mente um cenário que desperte a imaginação e criação dos seus próprios personagens.

Uma das formas que o professor também pode usar durante a contação de histórias são as modalidades e as possibilidades que tom de voz apresenta para o cenário das histórias, pois quando um personagem fala baixinho é criado um momento de calma e harmonia que vai conduzindo a narração a partir das ações que são apresentadas. Outra possibilidade que pode ajudar na hora em que as crianças estão no momento de algazarra e descontração é levantar o tom da voz

para que elas percebam que a história continua e precisa de atenção. Como também solicitar às crianças que se aproximem e formem uma roda, ou seja, cada um encontre um jeito gostoso de ficar ouvindo a narração, sentado ou deitado não importa, mas que esteja se sentindo bem.

A prática de narrar histórias vem se tornando a cada dia mais importante nas séries iniciais, pois são formas empregadas pelo professor no trabalho com a leitura em sala de aula, mas a maioria não tem consciência de quanto a contação de histórias contribui na formação de novos leitores, ou seja, torna-se motivante e enriquecedor no processo de pré-desenvolvimento na capacidade e compreensão textual, como também estimula a imaginação, educa e instrui.

A criança sente-se estimulada e, sem perceber, constrói seu conhecimento sobre o mundo. No entanto, alguns professores acreditam que as contações de histórias sejam apenas momentos de descontração, deixando este trabalho a desejar.

O professor tem que estar consciente de suas ações, como também ser um bom ouvinte. Uma possibilidade de grande importância na contação de histórias é saber escutar, pois o ato de contar e ouvir, com e para as crianças, é algo de extrema relevância na educação infantil, ou seja, um recurso que facilita o professor para trabalhar os conteúdos e desenvolver práticas de leitura e escrita na sala de aula a partir dos textos literários.

O professor precisa trazer em seu planejamento curricular períodos dedicados à contação de histórias, instigando as crianças a gostarem de ler e escrever e se tornarem uma geração de leitores e escritores, vendo histórias como um meio de interação, diversão e aprendizagem.

Segundo Dohme (2010), o professor tem muito a contribuir neste processo de colocar o aluno em contato com o livro, aprendendo e ensinando a gostar de literatura infantil por meio de contação de histórias, pois ler histórias é uma atividade prazerosa que pode levar o aluno a desenvolver-se e a perceber o mundo a sua volta.

A atividade com Educação Infantil é uma arte, pois sua função é formadora, e não se confunde com missão do pedagogo, ou seja, ela dá conta de uma tarefa a qual está voltada toda cultura de conhecimento do mundo e do ser. É também é uma modalidade de expressão em que não aparecem limites definidos, pois é difícil

estabelecer suas principais linhas de ação. Ela pode englobar histórias realistas ou fantásticas, miscigenar gente e animais, simbolizar ou simplificar situações humanas existenciais, misturando toda essas possibilidades em um único texto.

A escola assume um duplo papel, pois introduz a criança na vida adulta, mas ao mesmo tempo protege a criança contra agressões do mundo exterior. Sabemos que muitas vezes é na escola que a criança tem seu primeiro contato com o livro, como também algumas dificuldades sociais que são enfrentadas em sala de aula para que tenham acesso ao livro. A criança a todo tempo está em processo de aprendizagem, mas é comum encontrar escolas que não possibilitam o acesso aos livros para que a crianças desenvolvam o hábito de ler.

Com o passar dos anos, o ensino vem se preocupando em contribuir de forma satisfatória na formação de um individuo crítico, responsável e atuando no desenvolvimento da sociedade. Isso porque se vive em uma sociedade onde as trocas de conhecimentos acontecem rapidamente, seja através da leitura, da escrita, da linguagem oral ou visual. Dessa forma, podemos afirmar que o desenvolvimento da criança é uma fase ideal para essa formação do interesse pela leitura, pois a partir dessa fase é que são formados os hábitos. As escolas de Educação Infantil são um local perfeito para as crianças interagirem socialmente, ou seja, elas recebem influências socioculturais para o desenvolvimento da aprendizagem. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais:

Definem a importância da inserção da leitura no ambiente escolar como: “ampliar a visão de mundo e inserir o leitor na cultura letrada; estimular o desejo de outras leituras; possibilitar a vivencia de emoções, exercício da fantasia e da imaginação; expandir o conhecimento a respeito da própria leitura; aproximar o leitor dos textos e os tornar familiares condição para leitura influente e para produção de textos; possibilitar produções orais, escritas e outras linguagens; informar como escrever e sugerir sobre o que escrever; possibilitar ao leitor compreender a relação que existe entre a fala e a escrita; favorecer a aquisição de velocidade na leitura; favorecer a estabilização de formas ortográficas. (OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 200, P. 64-65)

E através dessas habilidades que as crianças podem se desenvolver por meio da literatura no cotidiano escolar. Assim, o professor deve facilitar o processo de ensino-aprendizagem dos seus alunos, ou seja, dessa forma a contação de histórias pode se tornar uma maneira eficiente de inserir os conteúdos de forma prazerosa, como pode também fazer parte das brincadeiras, na arte, nos filmes infantis,

promovendo o desenvolvimento da criança, além da imaginação, da criatividade e de seu senso crítico.

A leitura é um processo em que o leitor realiza um trabalho ativo na construção de sentidos para o texto, assim ela é definida nos PCN's – Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa - (BRASIL, 1997). Por conseguinte, a leitura não se reduz a decodificações pontuais dos signos (letras, símbolos, imagens, etc.), porque implica em compreendê-los, visto que alguns sentidos ao texto atribuídos ao começam a ser constituídos pelo leitor, antes mesmo da sua leitura propriamente dita.

A contação de histórias é uma arte muito antiga que vem de tradições desde anos antes de Cristo que se originou na sociedade humana como uma das primeiras manifestações oral e cultural do homem, sendo mantida por várias gerações. Cristo através de parábolas ensinava e interpretava suas histórias para que os cristãos percebessem o fundo moral de suas palavras. Para Carvalho (1975), as histórias são para as crianças o que as parábolas de Cristo são para os cristãos. A contação de histórias é uma arte muito antiga, pois se confunde com a história da cultura humana. Quando teve início, era uma atividade apenas oral, pois as histórias imaginárias ou reais eram contadas em viva voz. E foi por muito tempo considerada uma prática doméstica, cultivada por famílias em comunidades rurais. Quando foram surgindo às cidades e aparecendo veículos midiáticos diversos, essa cultura foi sendo aos poucos abandonada. A partir das narrativas orais, os valores e a identidade dos povos foram preservados no tempo em que ainda não existia escrita. De geração em geração, todo esse conhecimento era passado, o que resultou em um rico mosaico de culturas.

Nos anos 80, na França, contos e contadores representaram sua força em diversas formas de manifestações, através de espetáculos semanais que eram apresentados em público, festivais regionais e internacionais de contadores de histórias, como também a realizações de várias oficinas de formação e aperfeiçoamento.

A história oral no Brasil iniciou a partir dos anos 90 com a multiplicação de seminários e programas de pós- graduação em história, por outro lado com estabelecimento e aprofundamento de contato com pesquisadores estrangeiros que

propiciou encontros e seminários que criaram canais que foram importantes para debate e a troca de experiências.

Segundo Matos (2005), por volta dos anos de 1990 na cidade de Belo Horizonte, que se tornou um local de grande importância para o reaparecimento dos contadores de história e foi através da formação de determinados grupos ou até mesmo isolados que se apresentaram na Biblioteca Pública e Juvenil, e assim obtiveram sucesso em suas apresentações em diversos locais pela cidade.

A partir do século XXI surgiram, através da urbanização, novos contadores que passaram ser reconhecidos no campo pedagógico que foram marcados por um grande desenvolvimento tecnológico e científico que contribuiu para aproximar as pessoas e adaptar ao mundo globalizado.

A partir dos avanços tecnológicos foram surgindo vários teóricos que começaram discutir os rumos da leitura literária no universo digital. Cléo Busatto (2006), por exemplo, acredita não apenas nas facilidades trazidas pelo computador, mas também num importante lugar que a literatura e as práticas de leitura literária estão assumindo rapidamente nesse contexto de revolução etnológica. Segundo a autora:

O contador de histórias contemporâneo está inserido em um contexto de uma cultura letrada e se apropria da escrita, das impressões das novas tecnologias. Surge em diferentes setores da sociedade atual movido pelo desejo de fazer de sua voz uma marca na sua comunidade e ávido por mergulhar no segredo da narração. (BUSATTO, 2006, P.29)

O contador de histórias de hoje tem toda uma preparação para sua apresentação tanto no espaço físico como também no seu figurino caracterizando o seu personagem- narrador nas suas apresentações. Esses personagens são encontrados em bibliotecas, livrarias, escolas.

Com os avanços que vem acontecendo o contador tradicional vem ocupando outros espaços importantes, ou seja, participando de eventos inusitados, como jantares especiais encontro de amigos. O contador de histórias tem representado na sociedade contemporânea uma mudança significativa, pois aos poucos esta se configurando como uma profissão, mesmo sem ser regulamentada já ocorreu alguns acordos entre profissionais em relação aos preços praticados pelo mercado.

Segundo Busatto (2006: 20), no mundo contemporâneo, com a invenção da internet, esta sociedade caótica passou a ser dinamizada pela cultura cibernética e

as crianças, diretamente influenciadas pela tradição progressista, são embaladas neste ritmo, que hoje esta em pleno processo de superação/ transformação.

As histórias antigas podem até parecer ultrapassadas nesse ciberespaço dinamizado pelas informações e pelas conquistas da eletrônica e da informática, porém, neste confronto que as histórias revelam que são verdadeiras fontes de sabedoria, que tem papel formador da identidade, há pouco tempo, elas foram redescobertas como fonte de conhecimento de vida, tornando-se também um grande recurso para educadores.

Os cibercontadores de histórias com os recursos disponibilizados pelas novas tecnologias de entretenimento, narram histórias a viva voz, para diversas faixas etárias, e com entusiasmo transmitindo diversão, emoção e conhecimento; e utilizam através de suas performances, som, imagem e a própria voz que é fundamental para criar vida ao texto na tela do computador.

Essas histórias são narradas em diferentes âmbitos da sociedade contemporânea, ou seja, o contador de histórias evidencia através de suas experiências como narrador que a mediação com a leitura tem se tornado cada dia mais importante com uma função social de promover a cidadania. As histórias são excelentes formas de educar, conforme nos mostra Dohme:

Ler estimula a leitura para uma criança é como plantar uma semente em terreno fértil. A leitura estimula o desenvolvimento do senso crítico e do raciocínio lógico. Faz com que a criança acredite mais em si e tenha mais imaginação e criatividade. Assim, a leitura contribui para a formação de cidadãos conscientes, sonhadores e principalmente realizados. (DOHME, 2003, P.03)

Quanto mais a criança tem o contato com os livros e perceber o quanto o prazer que a leitura produz, maior será a possibilidade da criança torna-se um adulto leitor. Da mesma forma ela adquire uma postura crítica de extrema relevância na sua formação cognitiva.

CAPÍTULO 2: A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA UNIDADE DE EDUCAÇÃO INFANTIL (UAEI) DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

Este capítulo constitui-se de observações e análise, e discussões dos dados que foram coletados ocorreram no meu Estágio Curricular Supervisionado, realizado na Unidade de Educação Infantil da Universidade Federal de Campina Grande, em seu Campus I, no ano de 2016.

A Universidade Federal de Campina Grande, em seu campus I, disponibiliza para as crianças uma creche na qual os pais, antes de matricular seus filhos, passam por uma seleção através de um sorteio, que dá oportunidade aos filhos de alguns alunos que estão matriculados na universidade, como também atende aos filhos dos professores mestres e que estão cursando doutorado. No turno da manhã, o grupo de alunos é formado por três turmas de crianças, dividido em: **GRUPO 3**, que tem crianças de 2 até 3 anos. **GRUPO 4**, de 3 a 4 anos, e **GRUPO 5**, com 5 anos. A Unidade tem uma equipe preparada de professores e alunos estagiários para desenvolver um trabalho com qualidade na educação das crianças que são matriculadas. Essa equipe de professores é organizada da seguinte forma:

GRUPO 3: formado pelas professoras **A**, que é formada em Pedagogia e tem pós- graduação em Ensino e aprendizagem, e a professora **B**, que é formada em pedagogia e tem pós- graduação em Educação Infantil. E por duas estagiárias que estão cursando Letras.

GRUPO 4: É formado pelas professoras **C** e **D**, que são Pedagogas e especializadas em Educação Infantil. E por duas estagiarias.

GRUPO 5: A professora **E** é pedagoga com especialização em Psicopedagogia, e há três estagiarias, duas estão cursando Letras, e a outra está cursando Pedagogia.

A Creche ocupa um espaço dentro da universidade ofertando à Educação Infantil. Além das salas de aula, a instituição dispõe de: uma biblioteca com um acervo diversificado, cerca de 1.000 exemplares, distribuídos entre: livros, CDs,

revistas e periódicos; uma sala reservada com projetor, equipamentos para DVD. Durante o ano letivo a equipe de professores e gestores da Creche organiza um evento, para doações de livros, ou seja, as crianças levam um comunicado para seus pais, informando a possibilidade de cada pai juntamente com seus filhos ficarem encarregados de comprar um livro para doação durante o evento.

2.1- Vivenciando a Contação de Histórias no Grupo 5

Contar histórias é um ato afetivo. Uma história bem contada por um narrador jamais será contada da mesma forma pela mesma pessoa, ou seja, cada contação exige um momento especial, em atmosferas distintas. O papel da professora contadora não se resume a contar histórias; ela também tem como papel de criar um ambiente no imaginário, empresta-lhe sua voz no sentido de modificar quando a situação exigir, pois a entonação da voz influencia para que a história tenha no final um resultado satisfatório.

Durante a pesquisa foram escolhida 5 histórias em que observei desde a organização do ambiente ao comportamento das crianças, e quais as estratégias que foram utilizadas pelas professoras **E**, do Grupo 5, e a professora **A** e **B**, do Grupo 3, e as professoras **C** e **D**, do Grupo 4. No total foram cinco histórias observadas.

Antes de começar com as observações das contações de histórias do grupo 5, foi elaborada um questionário para as professoras, que tinha como objetivo saber quais as estratégias utilizadas durante a contação. A professora **E** trabalha contação de histórias há cerca de 20 anos, desde que começou na educação infantil. Trabalha com a contação como também com a leitura para as crianças. As histórias que ela mais costuma trabalhar para as crianças são lendas, contos de fadas e com literatura infantil incluindo histórias verbais e não verbais em prosa e poesia, dos mais variados autores. Mas destaca que já houve em algumas situações que ela mesma criou histórias de improviso.

A professora **E** ressalta que as histórias que mais atraem o público infantil são que envolvem animais e bruxas. Outro fator que influencia no resultado satisfatório é o tom de voz, ambiente e o estado de espírito, pois todas essas questões são relevantes.

A educadora **E**, em seus planejamentos diários, reserva durante suas aulas um momento para contação de histórias. O primeiro momento, que é a hora em que as crianças chegam, a professora prepara o ambiente com os brinquedos para que elas fiquem à vontade para brincar e também sugere a cada criança fazer um desenho livre. Em seguida as crianças são preparadas para o momento de concentração: todos formam uma roda e juntamente com a professora e com as duas estagiárias, começam a cantar e fazer aeróbicas movimentando todo corpo. Após, as crianças se acomodam sentadas no chão em círculo e a professora **E** faz algumas perguntas sobre: Qual dia da semana é hoje? Qual a data? Quantos coleguinhas estão presentes? E escolhe uma criança para fazer a contagem.

No segundo momento a Educadora trabalha a atividade que foi planejada, e logo após o grupo se direciona ao banheiro para fazer a higiene pessoal e as estagiárias fazem a entrega do lanche para cada criança. Em seguida a turma se organiza para escovação dos dentes, e as crianças são liberadas para o recreio. A creche disponibiliza de dois parques: um dentro da área coberta e outro na área livre.

Quando as crianças voltam do recreio novamente se direcionam ao banheiro para fazer a limpeza das mãos e dos pés e assim descansam ouvindo uma música para relaxar. Depois do relaxamento cada criança escolhe um livro de histórias para levar para casa. A educadora utilizou durante as narrações o livro como recurso material, e a cada história apresentava uma entonação diferenciada, para que as crianças entrassem em contato com o mundo novo que lhe estava sendo apresentado. Em seguida, mostrou a capa do livro que tinha como título **Galo, galo, não me calo**, mencionou o autor e quem produziu as imagens, informações encontradas na capa do livro.

Após a seleção do livro, o momento que as crianças mais esperam é o da contação de histórias, pois se configura como um momento mágico e cheio de descobertas; para isso a educadora teve todo um cuidado na escolha do livro. Ao

escolher uma história, todo contador deve levar em consideração o seu público alvo, por isso a preparação de uma história começa primeiramente com a escolha criteriosa e cuidadosa do texto.

2.2- Observação da primeira contação de histórias no grupo 5

A professora **E** selecionou o livro da autora Sylvia Orthof que tem como título: **Galo, galo, não me calo**. Este livro apresenta uma história engraçada do galo de uma menina conhecida como Fanci, que era moradora de uma Rua de Copacabana, numa casa pequena com quintal, no meio da cidade do Rio de Janeiro. É narrado um conflito entre o galo que todas as manhãs cantava para saudar o sol e os moradores da vizinhança, que viviam nos altos edifícios próximos à casa de Fanci e que tentavam calar o galo atirando nele lixo, sapatos velhos, vidros vazios.



O livro apresenta ilustrações que se tratam, de um confronto da cidade grande, com seus carros, buzinas, fumaça, prédios, lixo, com a vida do campo, ou seja, a cidade expulsando a natureza para longe de si. Como também o ambiente influencia um bom resultado, mas para isso as crianças tem toda uma preparação depois do relaxamento, professora sugeriu as crianças ficarem sentadas no chão em uma roda, e a educadora sentada de frente para eles. O local reservado para contação de histórias é a sala de aula, um lugar em que as crianças já estão acostumadas, pois é um ambiente tranquilo e favorável. Percebemos com isso a importância da escolha do local. Segundo a autora Vania Dohme:

A escolha do local é fundamental para o sucesso da narrativa. Ele deve ser calmo e permitir que as pessoas fiquem bem acomodadas. Não deve concorrer com outros ruídos ou com outras “atrações”, por exemplo: ruídos de trânsito, pessoas conversando, pessoas passando. As crianças têm um poder de concentração muito pequeno e qualquer fato fora do normal desviará a atenção, ficando difícil para o narrador retomar o fio condutor da história. (DOHME, 2000, P.37).

Depois da escolha do livro e do ambiente organizado, a professora contadora iniciou questionando as crianças sobre as ilustrações, e perguntou às crianças: “De que tratava a história através das ilustrações da capa?” “As crianças responderam que era a história de um galo grande”.

Situação 1

A primeira observação ocorreu no dia 04/07/2016 em uma segunda-feira que teve duração de 40 minutos. A educadora iniciou com a voz compassada, falando baixinho, pois a voz faz toda diferença quando se trata contação de histórias. Ela narrava a história bem compassada apresentando cada página do livro, que chamava a atenção deles pela riqueza de imagens encontradas da cidade grande e do movimento das pessoas. Em algumas passagens dentro da história a professora imitava o canto do galo e pedia às crianças para imitarem também:

“Cocoricó! Cocoricó! Eu vi o sol! Eu vi a luz! Cocoricó! Cocoricó!”. (SYLVIA ORTHOF. 1992, P.4)

As crianças participavam e ao mesmo tempo se divertiam com cada situação envolvida da narração do Galo Fanci.

Criança X perguntou à professora: por que as pessoas atiravam no galo os objetos?

A professora **E** respondeu que era porque o Galo Fanci cantava muito alto e incomodava as pessoas que moravam nos edifícios. Como está presente na fala dos personagens da história:

“As madames e seus maridos, que moravam nos edifícios, gritavam: Cala boca! Bicho danado! Galo berrador! Coisa barulhenta!”. (SYLVIA ORTHOF, 1992, P.6)

As crianças acharam engraçadas as imagens presentes no livro das pessoas que arremessavam pelas janelas vários objetos sapatos, latas vazias, sacos, mas o Galo, muito esperto, sabia fugir.

A professora **E** perguntou para eles: “Por que Fanci resolveu morar no sítio?”

A criança **Y** respondeu: “Que seria melhor, pois o Galo poderia ficar a vontade para cantar e não iria mais incomodar as pessoas que moravam na cidade”.

A criança **X** respondeu: “Se o Galo Fanci resolver morar no sítio, poderá se sentir mais à vontade para cantar”.

Outro momento importante para o grupo 5 foi o final da história quando Fanci casou com o fazendeiro, e foi morar no sítio e levou o galo.

Situação 2

Quando Mara finalizou a narração e perguntou às crianças: qual a parte que vocês mais gostaram da história?

A criança **K** respondeu: “Foi o final, quando o Galo foi morar no sítio e conheceu uma galinha”. Como está presente no final da história em passagens retiradas do livro:

A galinha botou um ovo, botou dois, botou quarenta.

Nasceram quarenta pintinhos.

Trinta eram pintas, dez eram pintos.

A criança **X** respondeu: “Gostei da parte que as pessoas jogavam objetos no galo”.

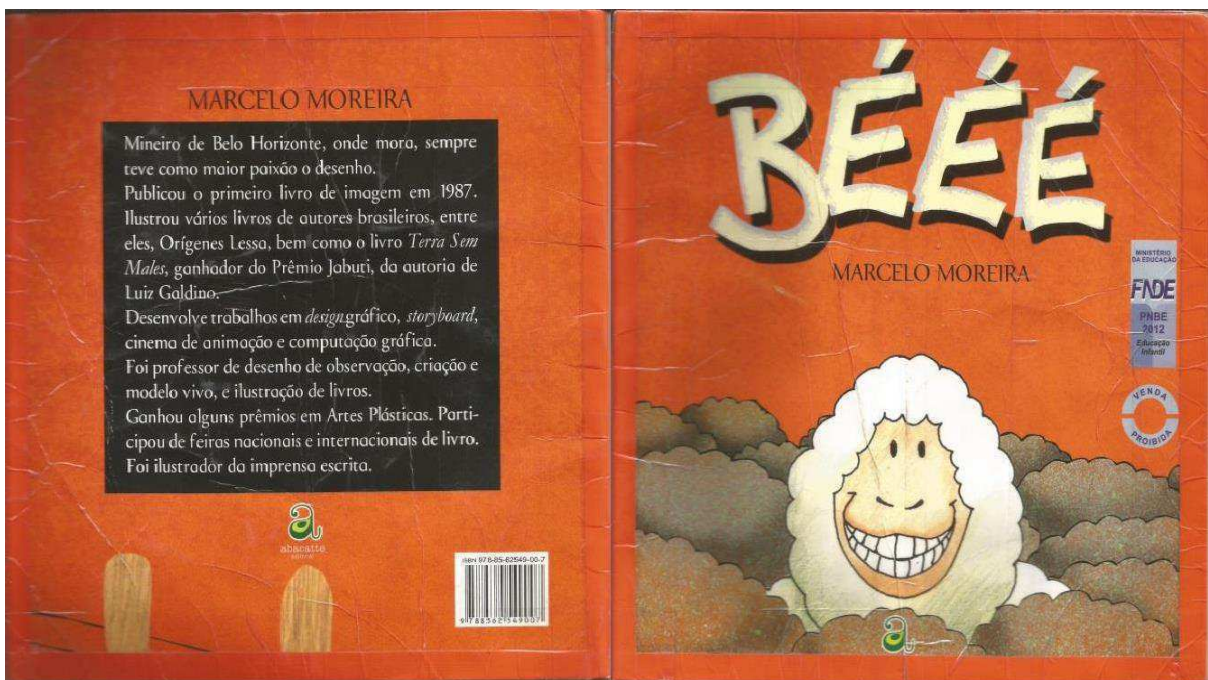
A criança **Y** respondeu: “Gostei do canto do Galo Fanci”.

Durante a prática de contação de história utilizada pela professora **E**, se estabeleceu um ambiente agradável para crianças em que não só as palavras falam, mas sim, os gestos, a entonação da voz, os olhares, as exclamações. As crianças

entraram neste jogo simbólico e elaboraram situações narradas que foram relacionados com estes modos de apresentar a história.

2.3- Observação da segunda contação de história no grupo 5

A observação da segunda contação ocorreu no dia 19/07/2016 em uma terça-feira que teve duração de 45 minutos. A professora **E**, após o recreio, iniciou a segunda parte da aula com uma música relaxante para as crianças descansarem um pouco, e logo em seguida a turma escolheu o livro de levar para casa. Durante a escolha do livro uma das crianças se identificou com uma das histórias e sugeriu que a educadora contasse em sala de aula.



O livro que a criança escolheu foi de Marcelo Moreira que tem como título **Bééé**. É um livro em que apresenta uma riqueza de imagens; o autor conta a história de uma ovelha branca marginalizada pelo grupo de ovelhas pardas. Certo dia, ela acaba caindo na lama e torna-se marrom, como suas colegas. Mas a chuva cai e

desfaz a “semelhança”. E a ovelha solta um berro libertador, ou seja, aceitando sua identidade e fazendo-se respeitar pelo grupo.

Antes de iniciar a narração, a professora **E**, juntamente com as estagiárias organizaram como de costume o ambiente. As crianças se acomodaram em uma roda no chão e a professora ficou sentada mais alta em uma cadeira, para que as crianças tivessem a oportunidade de ver cada página narrada. É importante uma preparação para embarcar na imaginação da criança. Sobre esse assunto, Valdez e Costa nos fala:

[...] Pensar e preparar o ambiente onde serão desenvolvidas as leituras como também o modo como serão realizadas farão uma grande diferença, pois dependendo da maneira como foi pensada, preparada e realizada, o leitor infantil pode ser muito facilmente envolvido durante o momento da contação de histórias (VALDEZ E COSTA, 2007, P.173)

A educadora citou o autor do livro e em seguida perguntou: “que palavra é essa do título da história?” “De que trata a história desse livro?”

Situação 1

Todos responderam que se tratava da história de uma ovelhinha.

A criança **X** respondeu: “Bééé a história de uma ovelhinha”.

A criança **K** respondeu: “É ovelha branca sorridente junto com outras ovelhas”.

Durante a leitura a professora procurava não interromper em nenhum momento a narrativa; a maioria das crianças mostrava-se atentas a esse momento e ela seguia com o texto fixando o olhar na turma. Cada página do livro convidava os alunos a atentarem para os desenhos e as ilustrações apresentadas no texto.

Situação 2

Prof: “Qual o lugar onde as ovelhas estavam?”

A criança **W** respondeu: “Elas estavam em uma fazenda, e no meio das outras ovelhas tinha uma ovelhinha triste e que era diferente das outras, pois ela era branca e as outras marrons”.

A criança **K** respondeu: “Todas estavam presas formando um triangulo dentro de um cercado”.

Novamente durante a narração a educadora questionou a turma: “Por que as outras ovelhinhas eram marrons e só uma era branca?”

A criança **X** respondeu: Ela era diferente das outras, pois todas são amigas e só a ovelha branca não tem amiga, por isso era solitária.

No final da história as crianças se surpreenderam com a ovelhinha, pois ela encontrou um porco que estava todo sujo de lama, ela saiu com medo correndo e terminou caindo dentro da lama e ficou com a mesma cor das outras ovelhinhas.

Professora **E** perguntou: Como estão as nuvens?

A criança **W** respondeu: Que as nuvens estão escuras, pois vai chover. E a ovelhinha voltou a ficar branca.

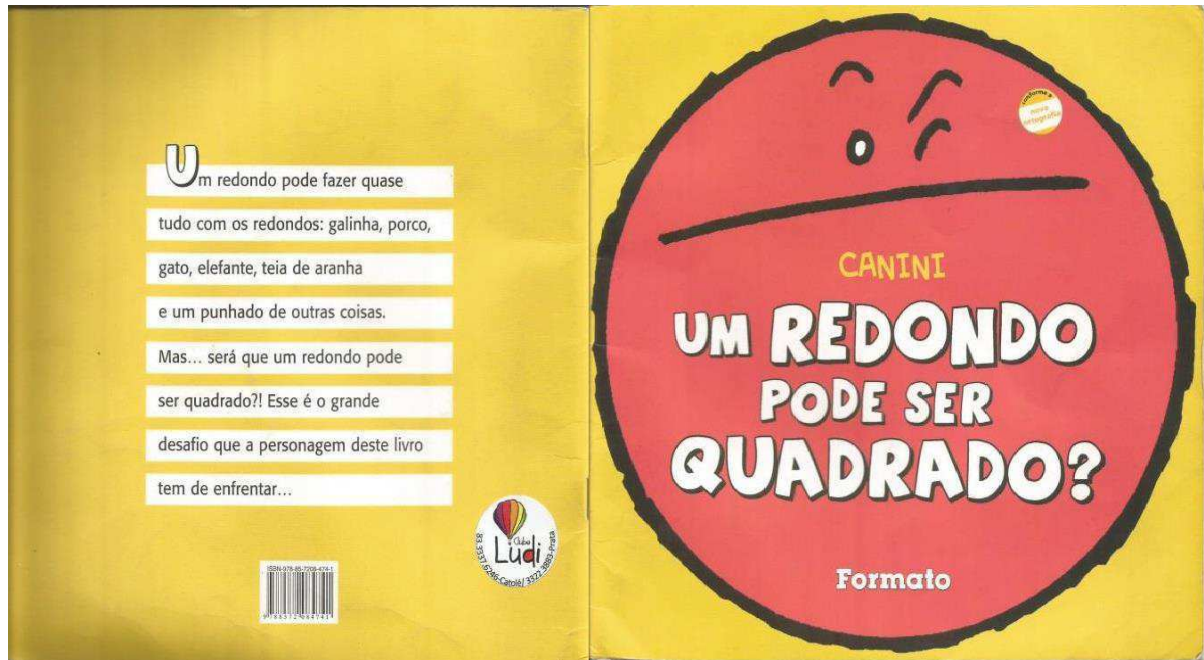
A criança **Z**: respondeu: “Que a ovelha ficou triste por que as outras abandonaram, mas de repente fez um “Bééé” e as outras responderam com outro “Bééé”. Assim ficaram juntas e foram felizes”.

Durante a contação a turma se sentiu atraída por cada passagem que envolvia os personagens, foi um momento de aprendizado e prazer.

2.4- Observação da terceira contação de história no grupo 5

Na observação da terceira história, que ocorreu no dia 11/08/2016 em uma quarta-feira que teve duração de 30 minutos. Inicialmente a professora **E**, preparou o ambiente para que as crianças se sentissem a vontade organizou as cadeiras em círculos para que a turma se acomodasse enquanto a educadora ficou em pé proporcionando para eles uma visão melhor. Em seguida ela apresentou o livro para

o grupo que tiveram a oportunidade de manuseá-lo antes da narração, logo em seguida falou sobre o título e mostrou a capa e informou sobre o autor. O título do livro é **Um redondo pode ser quadrado?** De Renato Vinicius Canini.



Este livro apresenta uma riqueza de imagens e uma história engraçada, pois o redondo podia fazer quase tudo com os redondos uma lua cheia, um sol feliz, uma girafa enrolada, um porco com o nariz, ou seja, o que importa é ter imaginação para criar os personagens através do redondo. Mas o grande desafio, para o redondo, era fazer um quadrado. Não um quadrado dentro de um redondo, mas um redondo quadrado.

Em seguida a professora **E**, começa a narração com uma voz suave e compassada, e fez uma pergunta que estava na capa e no próprio título. “Para vocês um redondo pode ser quadrado?” “Todos responderam que não”. No decorrer da narrativa as crianças se divertiam com cada situação e achavam engraçado, pois cada página vivenciada através do redondo era criada um personagem diferente. O redondo pode se transformar em alguns animais e objetos como: porco, gato, elefante, cobra, minhoca e objetos botão, prato com bolinhos.

A educadora, nesse processo de contação, também dirigia para a turma o olhar para seus alunos, permitia que eles expressassem seus sentimentos e opiniões sem represálias. Novamente durante a narração a professora questionou as crianças no final da história retirando passagens do texto “Mas o grande desafio, para o redondo, era fazer um quadrado, não um quadrado dentro de um redondo, mas um redondo... quadrado!” (CANINI, 2007, P18).

Situação 1

Professora **E**, perguntou: “Será que o redondo consegue fazer um quadrado?”

“Alguns responderam que não conseguia, pois ele era redondo”.

A criança **X** respondeu: “Que ele pegou uma varinha mágica e transformou em quadrado”.

A criança **W** respondeu: “Que ele vai entra conseguir se transformar em um quadrado”.

Mas no decorrer da história a professora deixou as crianças curiosas se realmente o redondo se transformaria em um quadrado. Todas estavam ansiosas para saber se realmente o redondo poderia se tornar quadrado.

Situação 2

A criança **K** perguntou: Como ele ficou quadrado?

A professora respondeu: “Certo dia, o redondo passou por uma fila de redondos e teve uma ideia de se juntar com outros redondos poderia formar um quadrado”.

No final da narração cada criança teve uma imaginação diferente sobre o redondo que possibilitou a eles participarem e ao mesmo tempo opinarem. Durante a narração o grupo tinha muita atenção, pois se identificaram com a história que se tornou para elas um momento prazeroso de conhecimentos e descobertas.

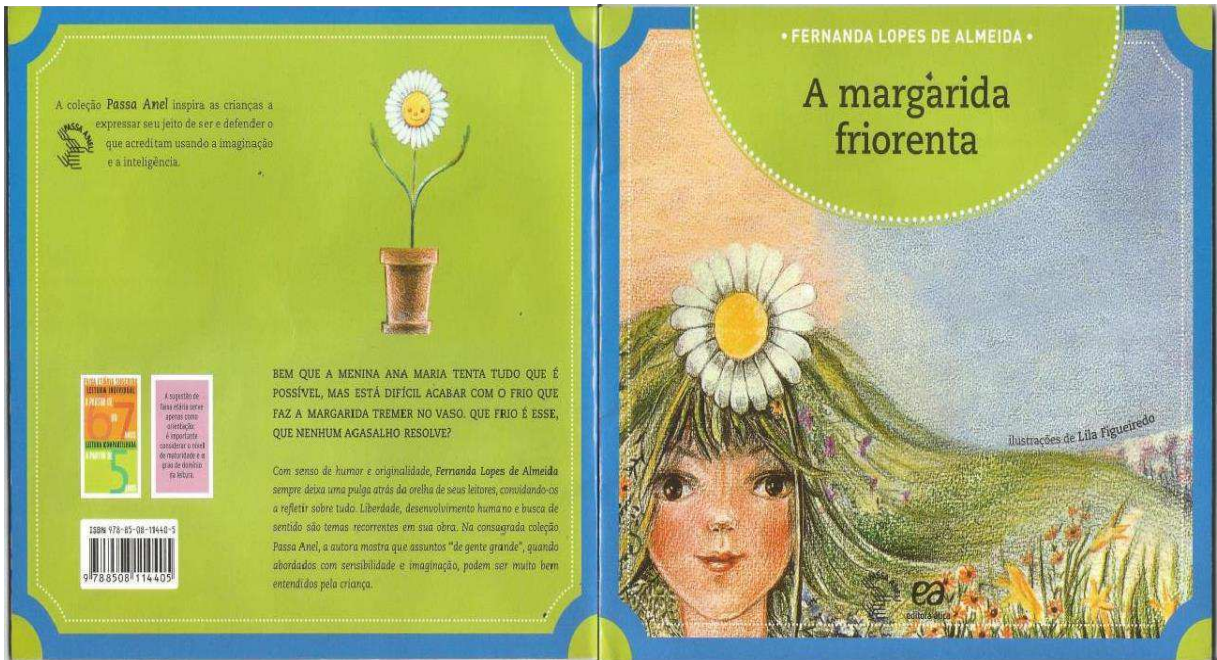
Durante as três observações realizadas no grupo 5, foi possível reconhecer que a professora **E**, apresentou confiança, pois a todo tempo demonstrava segurança e facilidade ao narrar para as crianças. A educadora em todos os momentos durante as leituras procurava dar atenção à fala de cada criança, organizava a turma na sala de aula em semicírculo, perguntando quem conhecia a história do dia. Além disso, criava um ambiente em que estimulava o aluno a entrar no mundo da imaginação e das descobertas presentes em cada narração, ou seja, levando assim a turma a participar da leitura e também do mundo do faz de conta. E em todas as histórias contadas apresentava o livro a turma, destacando o título apontando as ilustrações, desenhos e palavras presentes na capa, e informando para crianças o autor. A educadora procurava sempre chamar a atenção das crianças e deixava-as a vontade para as interpretações individual de cada após a história.

2.5- Observação da quarta contação de história no grupo 4

No início do ano letivo quem ficava encarregada pelo grupo 4 era a professora **F**, mas por motivo de nomeação como a nova diretora da unidade de educação infantil da UFCG teve que se afastar de sua profissão para se dedicar a coordenação da instituição, ficando como substitutas do grupo 4 a professora **C** que era a antiga coordenadora da unidade e a professora **D**. Foi possível recolher algumas informações importantes para essa pesquisa. A professora **F** leciona na educação infantil, há cerca de onze anos é Pedagoga com Mestrado em Educação e especialização em Educação Infantil e Psicopedagogia. Ela ressalta a importância de trabalhar com contação de histórias na educação infantil. As histórias que ela gosta mais de contar são as retiradas de cordéis, literatura de autores clássicos, contos de fadas e lendas, na maioria das vezes são lidas, e outras ocasiões conta e raramente improvisa.

Durante todo esse tempo de trabalho dedicado com amor às histórias ela destaca como as que mais atraem as crianças são as que têm animais, bruxas, príncipes e princesas. Outro fator que a educadora destacou como relevante é o estado de espírito o tom da voz e o ambiente são essências para criar um clima e as crianças adentrarem num mundo literário com mais interesse e concentração.

A observação do grupo 4 ocorreu no dia 25/08/2016 em uma quinta-feira que teve duração 40 minutos. A metodologia utilizada pelas professoras **C** e **D** do grupo 4 foi desenvolvida de outra forma durante a contação de histórias. As educadoras utilizaram a narração através de leituras dramatizadas. Foi um processo lento, pois primeiramente a turma conheceu a história que tinha como título **A margarida friorenta** de Fernanda Lopes Almeida.



O livro conta uma história sobre Margarida que era muito friorenta que ficava com frio todas as noites até que certo dia uma borboleta azul viu e avisou a Ana Maria. Ela pediu ao cachorro para pegar o vaso e como o cachorro era muito, mais muito inteligente, ele levou o vaso com cuidado para dentro de casa. Mas a Margarida continuou com frio e Ana Maria ficou tentando descobrir uma forma de aquecer a Margarida. Depois do contato com história, a escolha dos personagens e do figurino para os papéis foi um momento de constatação do prazer em participarem da dramatização. Cada criança teve que se fantasiar de borboleta azul, borboleta amarela, o cachorro moleque, a margarida e Ana Maria, ou seja, cada criança tinha que dramatizar conforme a história era retratada no livro.

Além das leituras recomendadas para casa e exploradas nos encontros, sempre pensadas com antecedência e planejadas de acordo com que acabava de ser executada nos ensaios. No início ocorreram alguns ensaios, pois era difícil

conseguir fazer com que todas ficassem concentradas, sem que fosse necessário chamar-lhe atenção repetidamente e explicar que só seria possível um bom resultado se tivesse a colaboração de todas, pois estavam ensaiando para apresentar durante a culminância que é realizada mensalmente para comemorar os aniversariantes do mês. A turma demonstrava desinteresse e algumas das crianças apresentavam comportamentos inadequados, conversas que atrapalhavam durante a dramatização tornando-se trabalhoso para atuação das professoras.

Na observação realizada do grupo 4, foi possível reconhecer a importância de trabalhar com a dramatização, diferente da metodologia trabalhada pela professora **E** do grupo 5, as professoras **C** e **D** tiveram toda uma preocupação com a decoração do ambiente e figurino de cada personagem. No início foi cansativo, pois as educadoras demoraram controlar a turma e fazer com que elas decorassem a fala de cada personagem presentes na história.

Mas no final o resultado foi bom, porque as crianças acabaram diante da necessidade de obediência sem precisar mais chamar-lhe a atenção, o entusiasmo e o empenho da turma se tornaram visíveis tanto na entonação das falas, e nas composições dos personagens.

2.6- Observação da quinta contação de histórias no grupo 3

Na última observação do grupo 3, que ocorreu no dia 29/09/2016 em uma quinta-feira que teve duração de 30 minutos as professoras **A** e **B** reservaram após o recreio um momento para contação de histórias. Foi selecionado o livro que conta a história da **Margarida Friorenta** que também foi trabalhado pelo grupo 4, através da dramatização, enquanto no grupo 3, as educadoras resolveram narrar a história. As professoras juntamente com a estagiária organizaram a sala colocaram as cadeiras em semicírculo para que a turma se acomodasse.

Durante a observação foi importante perceber que a narração se dividiu em três momentos distintos: problematização inicial da temática, a contação de histórias e os resgates dos principais partes da história contada. A professora **A** antes de começar a narração cantou uma música sobre histórias, em que as crianças reagiram com entusiasmo e animação. Logo em seguida, a turma ficou em silêncio,

que contribuiu satisfatoriamente na atuação da professora. Com a apresentação do título, autor e as imagens presente na obra.

Segundo Stein e Rosemberg (2010), nos momentos de contação de histórias o adulto se apoia não apenas no texto lido, mas nas imagens para explicar a informação ou situação relevante. Esse processo é ainda caracterizado por uma ação estável por parte da professora que diz respeito à demonstração do livro: pausa para realizar o movimento de virar o livro para as crianças e comentar sobre as ilustrações e voltar o mesmo para si no seguimento da história.

Situação 1

A professora mostra a capa do livro para as crianças e pergunta

Prof. Margarida está feliz aqui?

Criança **X**: Está feliz.

Prof.: O que vocês acham?

Criança **W**: Sim

Criança **K**: Não

Na situação 1 é possível perceber que as imagens também auxiliam na identificação de alguns aspectos relacionados ao estado interno dos personagens. A educadora apresenta informações antecipadas a fim de que a criança possa refletir e associar emoções aos personagens da história narrada. Outro momento que chamou a atenção da turma a forma de narrar cada página do livro, pois a professora **A**, durante a leitura modificava sua voz no contexto da contação, utilizando vozes diferentes para demarcar a fala de cada personagem, atribuindo a cada um uma particularidade.

Situação 2

Prof.: Porque a margarida está tremendo?

Criança **K**: Ela está com muito frio.

Criança **Z**: Margarida precisa de um cobertor.

Professora muda o tom de sua voz e lê o livro.

“A borboleta teve uma ideia. Acorda! Acorda!”

Após a contação de história no terceiro momento, as crianças estavam encantadas, pois a professora em cada situação modificava a entonação da voz, os gestos, a referência às ilustrações e a orientação corporal fez toda diferença, pois as crianças construíram significados, fazendo isso de modo compartilhado. Cada página a educadora fazia um suspense.

Situação 3

Prof.: Será que a Margarida parou de tremer?

Criança **X**: Sim.

Prof.: O que Margarida queria?

Criança **W**: Um beijo.

Ao término da contação, a educadora **A**, dá início a um processo de questionamentos nos quais busca demarcar, juntamente com a turma, a sequência dos eventos ocorridos e resgatando e conscientizando o valor das plantas para nosso planeta. No excerto abaixo é possível fazer essa observação.

Situação 4

Prof.: Quem é que lembra qual o nome da história?

Criança **X**: A margarida.

Criança **K**: A margarida friorenta.

Prof.: Como devemos tratar as plantinhas?

Criança **W**: Com carinho

Criança **H**: Regando com água e tratando com adubo

A observação do diálogo estabelecido entre as crianças e a professora **A** desenvolvido na situação 4 a educadora em retomar com algumas passagens com as crianças da história. Essa noção de tempo e de sequência tem grande

importância para contação de histórias, pois possibilita a compreensão, por parte da turma, em que há um início, um meio e um fim. Essa constatação contribui no desenvolvimento e na formação letrada da criança que, posteriormente, no processo de alfabetização, ou seja, estará com esse conhecimento construído e solidificado.

Considerações finais

Diante do exposto, considera-se que a contação de história é de extrema importância na educação infantil, para que os pequenos leitores se tornem mais competentes. Acredita-se que é necessário que a prática da contação de história ocorra na vida da criança desde cedo, pois deve ser incentivada no âmbito escolar para proporcionar um desenvolvimento intelectual, cognitivo e afetivo. Quando o professor conta histórias para as crianças pequenas está mostrando como é o mundo em que vivem, ajudando a criança a pensar, olhar e entender um pouco aquilo que as circunda.

É através das histórias que a criança pode sentir emoções importantes como alegria, tristeza, medo, tranquilidade e tantas outras, com toda amplitude, significância e verdade que cada história faz brotar.

Por isso, a literatura infantil tem papel primordial no desenvolvimento da criança, possibilitando a oportunidade de ampliar, transformar e enriquecer sua experiência de vida. A literatura no contexto escolar não apenas serve como meio didático, mas também para distração ou para acalmar as crianças, tornando-se um recurso significativo na aprendizagem e desenvolvimento, pois são muitos os atrativos tecnológicos que levam as crianças a se distanciarem do prazer da leitura, assim trazendo alienação. A literatura neste aspecto contribuirá para aquisição do conhecimento do aluno, pois acredita-se que no momento em que a literatura infantil é apresentada no contexto escolar, passa ter importante função pedagógica e não apenas fruição.

O professor tem grande contribuição no desenvolvimento do trabalho com literatura infantil, pois será ele que fará mediação entre a criança e a literatura e fará com que o interesse da leitura seja despertado no aluno, para que o mesmo faça do uso da leitura espontaneamente e criticamente. Assim professor, quando for usar a contação de história, deve estar atenta se a idade das crianças é compatível com a história que irá trabalhar, como também o ambiente adequado, a voz que irá usar durante a contação, com quem deve perceber há pela história escolhida e quais recursos poderão despertar mais atenção, imaginação e o interesse da criança.

Ao longo desta pesquisa foi possível ver, através das teorias dos autores estudados e das concepções das professoras que colaboraram para esta investigação, que o ato de contar histórias é, sem dúvida, uma atividade que oportuniza ao aluno a realização das tarefas de leitura e escrita com mais qualidade. Como também a importância de estabelecer a relação entre os dados obtidos durante as observações que a importância das histórias na escola se deve ao fato de proporcionar o desenvolvimento do raciocínio, o fortalecimento da autoestima, além da função lúdica. Visto que a relevância da contação de histórias na escola contribui na continuidade deste estudo com novos enfoques.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil - gostosuras e bobices**. São Paulo: Spicione, 1997.
- ANSOLIN, M., OLIVEIRA, J. P. **A contação de histórias como elemento favorecedor do processo de aquisição da linguagem**. CIEPG, 2013.
- ANTUNES, Celso. **Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências**. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- ALMEIDA, Fernanda Lopes de. **A margarida friorenta** - Ática Editora, 2006.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 16. ed. RJ :Paz e Terra, 2002.
- BUSATTO, Cléo. **A Arte de Contar Histórias no Século XXI: Tradição e Ciberespaço**. Petrópolis: Vozes.
- CAVALLO, G.; CHARTIER, R. (Org.). **História da leitura no mundo ocidental**. Tradução de Fulvia Moretto, Guacira Machado e José Antônio Soares. São Paulo: Ática, 1998.
- CARVALHO, Bárbara *Vasconcelos de*. **Literatura Infantil e estudos**. São Paulo: Lotus, 1975.
- DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- DOHME, Vânia D'Angela. **Técnicas de contar histórias**. São Paulo. Informal Editora, 2000.
- DOHME, Vânia D' Ângelo. **Técnicas de Contar histórias: um guia para desenvolveras suas habilidades e obter sucesso na apresentação de uma história**. São Paulo: Informal Editora, 2010.
- DOHME, Vania D'Angelo. **Técnicas de contar histórias: pais: um guia para os pais contarem histórias para seus filhos**. São Paulo: Informal, 2003.
- LUYTEN, Joseph Maria. **O que é literatura de cordel**. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: histórias e histórias**. 6. Ed. São Paulo: Ática, 2007.

MATOS, Gislayne Avelar. **A palavra do contador de histórias**. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 203p

MORAES, Fabiano. **Contar histórias: a arte de brincar com as palavras –** Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA EDUCAÇÃO INFANTIL. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 1 v e 3 v.

RAMOS, Ana Cláudia. **Contação de histórias: um caminho para formação de leitores?** Ana Cláudia Ramos, - Londrina, 2011.

SILVA, René Marc da Costa (org.). **Cultura popular e educação: salto para o futuro**. Brasília, 2008.

VALDEZ, Diane; COSTA, Patrícia L. **Ouvir e viver histórias na Educação Infantil**. In: ARCE, Alessandra; MARTINS, Lígia Márcia. (orgs). **Quem tem medo de ensinar na educação infantil?** em defesa do ato de ensinar. São Paulo: Alínea, 2007.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 1994.